

Aluno (a):

Nº

APÓLOGO: O RELÓGIO E O TRAVESSEIRO - ULISSES TAVARES



O relógio e o travesseiro

-- Trimm! Trimm!

Era o relógio saindo do seu monótono tic-tac tic-tac e fazendo o que gostava mais: despertar escandalosamente as pessoas.

Só que no quarto, nessa manhã da qual falamos, havia apenas o travesseiro que, como bom travesseiro, bocejou, se espreguiçou e estrilou:

-- Ei, já ouvi, dá um tempo!

O relógio sorriu e disse:

-- Então acorda e levanta, preguiçoso!

O travesseiro deu de fronha, digo, de ombros, e pensou em explicar ao relógio que cada um tem seu temperamento, seu jeito de levar a vida, mas desistiu.

Bocejou de novo, virou para o lado e logo adormeceu novamente.

O relógio comentou, sabendo que falava sozinho:

-- Tem gente que não se emenda mesmo! Ele vai ver amanhã cedo. Vou tocar ainda mais alto para que ele acorde, se levante e assuma as suas responsabilidades.

O que o relógio não sabia – por isso o travesseiro desistiu de explicar – é que a maioria das pessoas ou é travesseiro ou é relógio.

Ou passam a vida dormindo demais. E daí perdem a chance de viverem a vida pra valer.

Ou então sempre de olho no tempo. E daí perdem o tempo acordadas e preocupadas.

Poucas são capazes de viver a vida como se deve:

Fazendo e curtindo tudo, mas repousando quando se deve, sem fazer nada.

Às vezes, fazer nada é tudo de bom que se pode fazer por si mesmo e pelo outro, como numa chamada pra brigar, por exemplo.

Em outras vezes, fazer tudo às pressas e sem prazer é o mesmo que nunca fazer nada, como um idiota que constrói uma piscina e nunca tem tempo para dar um mergulho nela.

TAVARES, Ulisses. A maravilhosa sabedoria das coisas: apólogos de Ulisses Tavares. São Paulo: Cortez, 2010. p. 26-27.

Entendendo o texto:

01. A situação apresentada se aproxima da que você havia imaginado ao observar o título do texto?
02. Como você entende essa história? Ela apresenta algum ensinamento? Em caso afirmativo, qual?
03. Se fossem pra você criar uma moral da história, qual seria?

UM APÓLOGO

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— Decerto que sou.

— Mas por quê?
é boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?
— Você? Esta agora é melhor. Você é que cose?
— Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?
— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...
— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás obedecendo ao que eu faço e mando...
— Também os batedores vão adiante do Imperador.
— Você, Imperador?
— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...
Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:
— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...
A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.
Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário.
E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta, para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

— Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

— Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

ASSIS, Machado de. **Uma antologia**. Seleção, introdução e notas de Jonh Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.1.

ATIVIDADES

01. A expressão “agulha não tem cabeça” na linguagem conotativa pode ser entendida como:

02. De acordo com o texto, o que significa: “dar feição aos babados”?

03. De acordo com o texto, quem era orgulhosa e por que o era?

04. O texto que você leu fala sobre a importância de:

- a) Deixar em paz quem faz o bem a todos.
- b) Ter orgulho de saber costurar.
- c) Ajudar mesmo a quem não merece.
- d) Desprezar quem é teimoso.

05. O narrador fala de si em:

- a) "A linha não respondia nada; ia andando."
- b) "Contei esta história a um professor de melancolia."
- c) "Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile (...)?"
- d) "Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária."

06. A finalidade do texto é:

- a) Apresentar a conversa entre uma linha e uma agulha.
- b) Divulgar um texto de Machado de Assis.
- c) Informar sobre a vida de uma agulha e de uma linha.
- d) Narrar uma história para ensinar uma moral.

07. Há, no texto, uso de vocativo? Comprove sua resposta com um trecho do texto, caso sua resposta seja positiva.

08. A frase que expressa uma opinião é:

- a) "Deixe-me, senhora."
- b) "Mas você é orgulhosa."
- c) "Vamos, diga lá."
- d) "Você é que cose?"

09. No trecho "E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia plic da agulha no pano.", a expressão sublinhada representa:

- a) Barulho.
- b) Calma.
- c) Movimento.
- d) Silêncio.

10. No trecho "Que a deixe? Que a deixe, por quê?", os pontos de interrogação têm efeito de:

- a) Apresentar.
- b) Avisar.
- c) Desafiar.
- d) Questionar.

11. A agulha da história aprendeu que deve:

- a) Desejar tudo porque tudo perderá.
- b) Fazer o bem, sem esperar reconhecimento dos outros.
- c) Praticar a gratidão, porque será recompensada.
- d) Ser gananciosa, para tornar-se vítima da própria ganância.

13. Qual era o motivo da discussão entre a linha e a agulha?

14. Para você quem é realmente responsável pela costura?

- a) A agulha
- b) A linha
- c) A costureira

15. Quem são os personagens do texto?

16. Qual o tema discutido no texto? Assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

- () O orgulho
- () A vaidade
- () Humildade
- () A modéstia
- () A bondade
- () A simplicidade
- () Egoísmo
- () Prepotência

17. Quais características a linha e a agulha tinham em comum?

- () Eram humildes;
- () Eram orgulhosas;
- () Eram trabalhadoras;
- () Eram vaidosas.

DESAFIO - VESTIBULAR

O que diz respeito às diferenças entre o gênero textual “apólogo” e a “fábula”, leia as afirmações abaixo:

I – O apólogo normalmente é utilizado para retratar situações semelhantes às reais, ao passo que a fábula normalmente prioriza situações fantásticas.

II – O apólogo diferencia-se da fábula em relação aos personagens: o primeiro pode envolver pessoas, objetos ou animais, já o segundo, somente animais.

III – O apólogo é uma narrativa alegórica, e, por isso, diferencia-se da fábula, que é uma narrativa ficcional.

Com base nas diferenças expressas, aponte a opção **CORRETA**, quanto ao julgamento dos itens:

- a) Todos os itens são verdadeiros.
- b) Apenas os itens II e III são verdadeiros.
- c) Apenas os itens I e II são verdadeiros.
- d) Apenas os itens I e III são verdadeiros.
- e) Apenas o item III é verdadeiro.

Inspire-Se!**A PALHA E O FÓSFORO**

As férias estavam terminando. A Palha tinha feito tudo o que se podia imaginar. Já estava entediada. Resolveu ir brincar com alguém de quem a aconselharam manter distância. "Vamos jogar damas", propôs a Palha. "Tudo bem. Eu jogo com as brancas, eu começo, eu faço dois movimentos e você um", falou o fósforo. "Esqueça", disse a Palha. "Vamos jogar pingue-pongue." "Tudo bem. Eu fico com a melhor raquete, eu saco primeiro e você tem que jogar com um olho fechado", falou o fósforo. "Nem pensar", disse a Palha. "Acho melhor a gente assistir TV." "Tudo bem. Você senta no chão, e eu no sofá; eu fico com o controle, e vemos o que eu quiser", falou o fósforo. "Acho que minha mãe está chamando", disse a Palha. "Tchau!"

Moral: Não brinque com fósforos.